

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL
 EDITOR: ADOLFO FIALHO
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
 MAGDA CARVALHO,
 MARIA DA LUZ CORREIA,
 SUZANA CALDEIRA

MARÇO DE 2018 • Nº 05

AGORA

Página Facebook: https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178/?ref=aymt_homepage_panel | Email: agora.fcsh@gmail.com

JORNAL
 DA FACULDADE
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 E HUMANAS
 DA UNIVERSIDADE
 DOS AÇORES

Nota de Abertura Ao ritmo da natureza

Agora que a natureza inicia um novo ciclo e se despede do inverno com uma explosão de novas vidas, novas cores e perfumes, também a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) recebe a primavera com um fervilhar de interessantes atividades e iniciativas, novos e renovados desafios.

Neste número, a rubrica *Agora* convida a um passeio, partilhado com estudantes *Erasmus*, pelos locais mais emblemáticos de Ponta Delgada e a rubrica *Ágora* traz a público as tendências mais atuais dos estudos de tradução.

A II edição do *Encontro Línguas em Festa*, que decorre já no próximo dia 5 de abril, e o II *Workshop Fotografia em Arquitetura* são também notícias em destaque.

Agora é moda convida-nos para um faustoso e requintado repasto, regado com água da mais pura e cristalina. Em *conversa escrita*, Rosa Simas partilha, na primeira pessoa, as histórias de uma vida ligada ao ensino, entre a Europa e a América. Em *Alumni* desvendamos as memórias do antigo aluno Flávio Pacheco e em *Agora deu-me para isso* cultivamos, na horta de Piedade Lalandá, docente da UAc, o seu amor pela terra.

ADOLFO FIALHO (DOCENTE DA FCSH)

Ágora

A tradução, unindo centros e periferias

Os Estudos de Tradução afirmaram-se como área de estudos independente em meados do século XX. Desde então têm demonstrado a complexidade e as ramificações desta atividade, concebida simultaneamente como linguística e cultural, mas também como política e económica.

Um dos eixos fundamentais desta área de investigação consiste na análise dos fluxos de tradução, através do mapeamento dos países e das línguas de que mais se traduz (que mais intensamente transmitem os seus valores além-fronteiras) e aqueles que mais traduzem (mais permeáveis a ideias vindas do exterior). Mas os Estudos de Tradução refletem igualmente sobre os resultados desta atividade, elencando o que se traduz, analisando como se traduz e que representações do Outro se constroem através desse ato.

Trabalhos mais recentes incidem sobre a questão das minorias, em consonância com os estudos pós-coloniais, feministas e *queer*; a figura do tradutor (identificando quem traduz e em que condições); o papel das editoras e dos subsídios estatais na seleção do que é traduzido; e os contributos da tradução para a construção das histórias da literatura nacio-



RICARDO BATISTA

Os interpretes de conferência têm um papel importante na circulação de ideias e saberes

nais, para o questionamento das noções de autoria e originalidade, para a circulação de ideias e saberes.

Em Portugal, esta é uma área emergente, para o desenvolvimento da qual contribuem diretamente cursos como o Mestrado em Tradução e Assessoria Lin-

guística, oferecido pela FCSH. Vivemos num dos países europeus que mais traduz e que menos vê traduzidos os seus bens culturais. Esta tendência agrava-se no nosso contexto insular. O romance de Dias de Melo, *Pedras Negras* serve-nos aqui de exemplo. Os leitores anglófonos apenas conhe-

cem o texto graças ao sentido de missão da Gávea-Brown Publications (Universidade de Brown) e de Gregory McNab, professor na Universidade de Rhode Island, que transforma "vinho de cheiro" em "local wine" e "torresmos" em "bacon".

DOMINIQUE FARIA (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Piedade Lalandá partilha a sua paixão pelo cultivo da terra

página 2

Alumni

Flávio Pacheco relembra vivências da sua passagem pela UAc

página 2

Conversa Escrita

Rosa Simas partilha com o *Agora* as suas experiências entre os Açores e a América

página 3

Agora

Estudantes Erasmus em passeio cultural por Ponta Delgada

No passado dia 23 de fevereiro a Universidade dos Açores realizou um programa completo de receção aos alunos *Erasmus*, recém-chegados a São Miguel para frequentar o 2.º semestre na nossa Academia. Coube-me a grata tarefa de orientar o grupo de cerca de 22 estudantes num breve percurso pelos locais mais emblemáticos de Ponta Delgada, procurando que aos lugares pudessem associar mais do que imagens fugazes. Gostaria que após a visita conhecessem melhor os percursos urbanos, os edifícios e os pontos de vista mais destacados, as praças, os sítios de comércio e de lazer, a cidade histórica e a cidade atual, numa relação partilhada entre as memórias, o pa-

DIREITOS RESERVADOS



Estudantes Erasmus conhecem Ponta Delgada

trimónio e a vida das suas gentes. Gostaria, também, que no final da visita, o grupo de estudantes proveniente do leste e do norte, do centro e do sul da Europa, se reconhecessem nas suas diferenças e similitudes, entre si e perante o lugar que todos escolheram para habitar durante os próximos meses. Para nós, professores e estudantes da UAc, recebê-los bem é, não só um dever de cortesia, como ainda um sinal de inteligência social e de maturidade cultural. Bem-vindos, pois, à nossa Região e à nossa Academia!

ISABEL SOARES DE ALBERGARIA
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Cuidar da terra

Piedade Lalanda ingressou na docência, em 1984, na Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada. É Doutorada em Ciências Sociais, especialidade de Sociologia, e colabora com a FCSH na leção de disciplinas desta área

Só se descobre a terra quando dela se cuida. E isso não é uma prática apenas mecânica ou técnica. O que realmente se descobre é a ligação entre a pessoa e o mundo, os animais, a natureza. A minha experiência, ainda muito recente e que não saiu do jardim de infância em termos de conhecimento, nos domínios da hortifruticultura, é uma verdadeira descoberta, não apenas desse mundo natural, mas de mim própria e diria mesmo, da sociedade que me tem interessado estudar, através das ciências sociais.

Semear, plantar são atos de criação que exigem cuidados. E é nesse cuidar da terra, no retirar ervas daninhas e sachar, no podar os ramos secos ou ajudando as árvores a tornarem-se mais fortes, que descobri o quanto é necessária humildade, paciência e ternura, nessa atividade agrícola.

Mas a terra dá-nos retorno, sempre, mesmo nos insucessos, ela ensina-nos a respeitar ciclos, temperaturas, o calendário e as condições do terreno, para que o resultado seja o melhor.

Poder praticar jardinagem ou horticultura, mesmo que de forma pontual, é ter acesso a uma importante fonte de bem-estar e de saúde.

Desde logo, porque o prazer de comer o que se semeou é enorme. Depois, enquanto cuidamos da terra, o relógio deixa de marcar horas e apenas o sol e o cansaço determinam quando começa e acaba o dia de trabalho.

O corpo moído, mas satisfeito, a paisagem que se transforma depois de cuidada e limpa, as sementes que se transformam em plantas,



“Semear, plantar são atos de criação... A natureza ensina-nos a sermos humildes, pacientes e mais tolerantes”, explica Piedade Lalanda

rompendo a dureza da terra, para emergir, primeiro frágeis e depois vigorosas. A luta constante contra as pragas, evitando produtos químicos e recorrendo a alternativas mais ecológicas, é outra faceta desta relação de aprendizagem.

A natureza ensina-nos a sermos mais tolerantes e a apreciar o tempo de crescimento e as dificuldades por que passam as plantas. As frutas e legumes que antes se compravam em embaladas no supermercado, passaram a ter outro valor e, mesmo que tenham pior aspeto, tem outro sabor.

Quem trabalha a terra para so-

breviver nem sempre é devidamente reconhecido e compensado. Mas, o futuro terá de passar por aí, pelo reencontro do ser humano com a natureza, e o aumento do consumo de produtos naturais, sobretudo legumes e frutas, essenciais numa alimentação que se quer saudável.

PIEIDADE LALANDA (DOCENTE DA UAC)

II Workshop do Curso de Arquitetura 2017/2018

No âmbito do Plano de Atividades do Curso de Arquitetura da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, decorreu o *Workshop* “Fotografia em Arquitetura”, de 19 a 23 de fevereiro de 2018, nas instalações do curso. Este *Workshop*, ministrado pelo Pintor André Laranjinha, contou com a especial participação de duas turmas de 12.º ano, da vertente de artes, da Escola Secundária Antero de Quental. Esta atividade, programada pela

direção do curso, teve como objetivo dotar os seus alunos de conhecimentos fundamentais à prática dos atos próprios de um arquiteto. Neste sentido, decorreram vários exercícios teóricos e práticos que permitiram a todos os participantes entender a fotografia e tirar partido desta ferramenta como instrumento de valorização de projetos académicos e, futuramente, profissionais.

ANDREA HENRIQUE MARQUES
(DOCENTE DA FCSH)

DIREITOS RESERVADOS



Alunos do 12.º ano descobrem as potencialidades da fotografia em *Workshop* promovido na UAC

Alumni

Experiências para a vida

Desde que me recordo, foi sempre meu desejo frequentar a Universidade e tornar-me professor. Com este propósito, foram dois os momentos que me conduziram à Universidade dos Açores. O primeiro, quando ingressei na Licenciatura em Ensino Básico - 1.º Ciclo e o segundo quando frequentei o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Ao revisitar estas memórias, tão importantes para a minha vida profissional e pessoal, recorro com alegria e alguma nostalgia todos os momentos vividos na Universidade dos Açores. Guardo deste tempo as amizades traçadas, as aulas, os professores, o Departamento de Ciências de Educação (D. C. E.), as horas de estudo, os trabalhos de grupo na biblioteca e as noites com os amigos no Bar Académico, o “BA”.

Guardo ainda deste tempo o or-

gulto de usar o traje académico pelo *campus*, nas praxes, nos jantares de curso, nas semanas académicas e nos demais eventos académicos. Não podia deixar de salientar, ainda, os ensaios, as atuações e os festivais em que participei, enquanto “pandeirola” da Tuna Académica da Universidade dos Açores (T.A.U.A.).

Ao “olhar para trás”, vejo que todas estas vivências foram importantes para o meu desenvolvimento académico, mas também pessoal e profissional. À Universidade dos Açores devo, em parte, a pessoa que sou hoje, um profissional que tem como orientação as aprendizagens e as competências adquiridas nesta academia e que procura aprofundar os seus conhecimentos, sempre através de um sentido crítico e interventivo.

Nesta academia sinto-me em casa e, sempre que possível, regresso para envolver-me em pro-



Flávio Pacheco licenciou-se em Ensino Básico - 1.º Ciclo e concluiu o mestrado em Pré-Pri da UAC

jetos profissionais e académicos com os docentes ou com os alunos desta casa.

Aos docentes responsáveis pelo *AGORA* agradeço esta oportunidade de escrever sobre a minha passagem pela Universidade dos Açores, desafio este que me fez fazer uma viagem ao passado e recordar, com carinho, todos os momentos vividos. Foram, sem dúvida, experiências para a vida.

FLÁVIO PACHECO (ANTIGO ALUNO DA UAC)

DIREITOS RESERVADOS

DIREITOS RESERVADOS

Agora... a Professora Rosa Simas

“Adoro viver nestas ilhas”

Quando telefonámos a Rosa Simas, professora recém-aposentada do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, esta encontrava-se do outro lado do Atlântico, em Lisboa. O vaivém através deste oceano que liga as ilhas de bruma aos continentes europeu e americano tem sido uma constante na vida da professora universitária natural do Pico e criada na Califórnia, que se fixou desde os anos 90 em São Miguel. Doutorada em Literatura Comparada com especialidade em Literatura das Américas, em 1990, pela Universidade da Califórnia, Rosa Simas lecionou durante mais de 30 anos na Universidade dos Açores, enquanto os seus interesses de investigação se dividiram entre a língua e a literatura, a tradução, os estudos de género e da migração



Rosa Simas lecionou na Universidade dos Açores nos últimos 30 anos

Embora tenha nascido na ilha do Pico, aos dois anos emigrou com a sua família para os Estados Unidos e foi criada na Califórnia, onde estudou, se doutorou e lecionou durante anos. Esta experiência de emigração condicionou a sua vida pessoal e profissional...?

Completamente, a minha vida teria sido totalmente diferente se os meus pais não tivessem emigrado para a Califórnia! Não sei que vida teria tido, nem penso nisso, mas todo o meu percurso de vida foi moldado pela migração, mesmo depois de ter voltado a viver nos Açores, agora em São Miguel.

A Professora Rosa Simas tem já um longo percurso académico, com mais de 30 anos. Nele, destacam-se entre outras atividades, o seu exercício de docência na Universidade dos Açores. Que aspetos destacaria da sua experiência como professora?

Foram 30 anos na Universidade dos Açores e 20 em universidades dos Estados Unidos. Sempre adorei trabalhar com jovens universitários, pois gosto da energia e a irreverência desta faixa etária, que ajudam a manter-nos jovens, acho eu. Desta-

caria a importância das experiências de intercâmbio, pois eu própria, ainda nos EUA, tive a oportunidade de fazer o Curso de Verão na Universidade de Coimbra. Tinha 21 anos, e foi aí que comecei a (re)descobrir Portugal e os Açores.

Em retrospectiva, na sua carreira de investigação, quais os trabalhos que mais a entusiasmaram e que considera mais marcantes?

Diria que a dinâmica interdisciplinar do meu trabalho é fundamental e ilustra a necessidade de estabelecermos pontes entre as diversas áreas do conhecimento. Pois tudo está interligado; nada é estanque e autónomo em si. Sabemos que integra atualmente a UMAR-Açores enquanto Presidente da Mesa da Assembleia e que tem estado envolvida, a vários níveis, na promoção da igualdade de género. Pode falar-nos um pouco sobre este aspeto da sua atividade e do seu pensamento?

A minha atividade com a UMAR-Açores aconteceu muito naturalmente, depois de eu ter vivido, em primeira mão, os movimentos em prol das mulheres, minorias e do ambiente na Cali-



Com os pais e irmãs mais novas. “A minha vida teria sido totalmente diferente se os meus pais não tivessem emigrado para a Califórnia”, reconhece Rosa Simas

fórnia dos anos 70 e 80. Quando me fixei em São Miguel, senti-me logo em sintonia com o trabalho a ser feito, e quis contribuir no que podia.

No seu diversificado leque de interesses, também é conhecida a dedicação à obra do pintor Domingos Rebêlo, sobre o qual coordenou muito recentemente o livro *Domingos Rebêlo em 10 Pinceladas...*

Aqui, voltamos à emigração. Foi nos Estados Unidos, no fim dos anos 70, que descobri Domingos Rebêlo através do quadro icónico, *Os Emigrantes*. Foi também nessa altura que descobri Vitorino Nemésio, e fiquei tão feliz por saber que havia arte e literatura nos Açores!

A Professora Rosa Simas não

só vive nos Açores como é uma especialista da cultura açoriana: além de outros aspetos, traduziu a *Primeira História dos Açores* e um roteiro cultural do nosso arquipélago. Gosta de viver nos Açores?

Já são mais de 30 anos a viver de volta nos Açores e nunca me arrependi de ter voltado. Sinto que sou americana em muitos aspetos, pois foi lá que me formei como pessoa e profissional, mas adoro viver nestas ilhas. Costumo dizer que foram tantos anos lá fora, que tenho sempre a sensação de que estou *on holiday!* E é um privilégio viver nestas lindas ilhas, que temos de saber defender e proteger.

MARIA DA LUZ CORREIA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é moda

Água da Torneira em Garrafas Giras

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ESTUDANTE DO MESTRADO EM PRÉ-PROFI DA FCSH)



Abaixo as garrafas de plástico... A água "del cano" está na moda!!

Eu tenho um sonho. Sei que não estou sozinha nos meus anseios e tribulações. Sei que muitos de vós, do norte ao sul, do leste ao oeste destas ilhas e continentes também pensam como eu. É um sonho profundamente enraizado na nossa constituição humana: vibrante nas cordas mais ancestrais da nossa função vocal, gorgolejante na satisfação da nossa sede, hidratante dos órgãos associados ao nosso esqueleto.

Sim, eu tenho um sonho. E, há pouco tempo, o primeiro passo foi dado para a concretização deste sonho, com a distribuição em massa de garrafas de vidro com design giro, em substituição da odiosa garrafa de plástico. Estas garrafas são disponibilizadas às empresas do setor da restauração que compreendem purificadores de

água da rede pública. São colocadas sobre a mesa, exibindo ora corpos elegantes ora robustos, ora gargalos curtos ora longos, e sempre o nome da empresa impresso a tinta preta sobre o vidro, como se de uma obra de arte assinada por artista genial se tratasse. Gosto.

Gosto que nenhum de nós seja julgado pela marca da água que bebe. Gosto que se acompanhe todas as refeições com um elevado sentido ecológico de reutilização dos pratos, dos talheres, dos copos e das garrafas. Gosto que não exista discriminação na beleza dos contentores do líquido aquático transparente e dos que recebem as cores apelativas dos líquidos vínicos. E gosto da possibilidade de, no caso de grande irritação por estar a ser mal servida, poder atirar a garrafa

ao chão, à parede ou à cabeça de alguém, com efeitos pedagógicos. Mas tenho um sonho. E, no meu sonho, os copos e as chávenas não chegam à mesa com marcas de batom, os talheres não trazem restos de comida agarrada e seca, os bules não derramam chá sobre a toalha, e a conta corresponde ao consumo e a comida não demora dois dias a ser digerida.

No meu sonho, avisa-se o/a cliente de que o prato virá salgado ou picante; a alface com larvas, o tomate verde ou podre, o arroz duro que nem sementes e as massas moles que nem papa. Acima de tudo, no meu sonho, quem bebe a água da torneira em garrafas giras não a paga ao preço do vinho.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora Eu Noutro país...

Vai ser a minha primeira viagem. Estou com os nervos em franja. Mas algum dia teria de ser.

Vou levar na mala só algumas peças de roupa, uns sapatos confortáveis, a máquina de fotografias e muitas expectativas.

Que medo vou sentir ao entrar no avião. Mas de nada vai adiantar. Vou guardar o medo na mochila e seguir em frente. Vou ver novas paisagens, experimentar novas aragens, ver outra gente...

Vou. Quero crescer. Quero entender como é estar num lugar onde nunca estive e como o lugar que sempre julguei meu vai sobreviver à minha ausência.

Ai! Santa inocência. Tudo continua. Lá porque não respiramos, os demais não deixam de respirar. Vai ser o meu primeiro voo. Vou-me encontrar com as nuvens e com o céu alto. Vai ser uma emoção... Muitas emoções! Vou sentir o tamanho do vazio, vou sentir a potência de um calafrio, vou



Para participar, visite a nossa página e envie-nos os seus comentários a esta imagem. <https://www.facebook.com/Agora-docente-da-FCSH>

chegar a outro lado sem sequer dar um passo. Vou ser um pássaro. Vou voar!

SANDRA FERNANDES
(VENCEDORA DO DESAFIO DO MÊS DE FEVEREIRO)

Agora é hora

Línguas em Festa

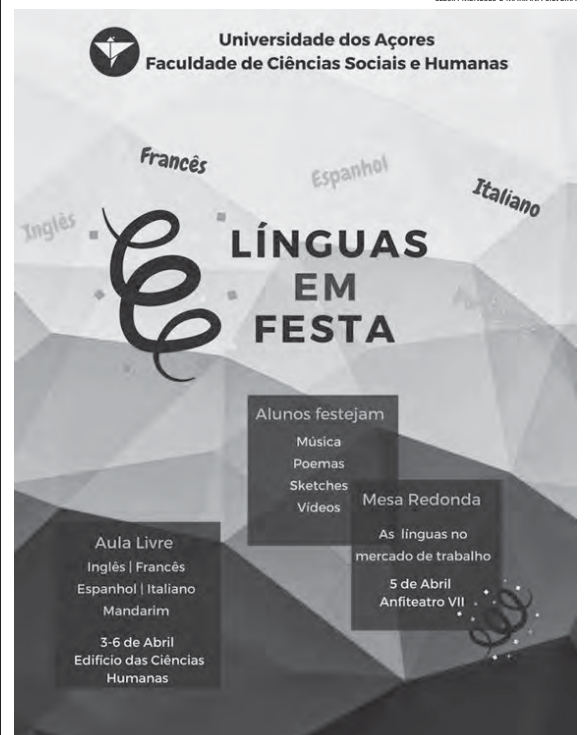
A II edição do Línguas em Festa decorre no dia 5 de abril, no anfiteatro VII da Universidade dos Açores, em Ponta Delgada. Uma iniciativa dos docentes de línguas estrangeiras do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, esta comemoração junta professores e alunos em torno das línguas ensinadas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Na manhã do dia 5, profissionais de vários setores juntam-se numa mesa redonda sobre a relevância, para o mundo do trabalho, de se saber comunicar em línguas estrangeiras. Durante a tarde, os estudantes sobem ao palco com intervenções variadas - canções, poemas, sketches - em Inglês, Espanhol, Francês, Italiano e Português. Os estudantes Erasmus contribuem para a festa com atividades nas suas línguas maternas. Na semana de 2 a 6 de abril está prevista a realização de aulas livres de Mandarim, Espanhol, Italiano, Inglês e Francês, sempre das 18h30 às 20h00. A entrada é livre.

The 2nd edition of Línguas em Festa is being held on April 5 in

Auditorium VII at the University of the Azores in Ponta Delgada. The event is organized by the foreign language teachers of the Department of Languages, Literatures and Cultures and brings together students and teachers to celebrate the languages taught at the Faculty of Human and Social Sciences. Durante la mañana del día 5, profesionales de diferentes sectores se reúnen en una mesa redonda que tratará sobre la importancia, en el mundo laboral, de saber comunicarse en lenguas extranjeras. Pendant l'après-midi, les étudiants montent sur la scène, avec des interventions diversifiées - chansons, poèmes, sketches - en anglais, espagnol, français, italien et portugais. Gli studenti Erasmus contribuiscono alla festa con attività nelle loro lingue materne. Dal 2 al 6 aprile è prevista la realizzazione di lezioni ad ingresso libero di mandarino, spagnolo, italiano, inglese e francese, sempre dalle 18h30 alle 20h00. A entrada é livre.

DOMINIQUE FÁRIA
(DOCENTE DA FCSH)

CLÉSIA MENESES E MARIANA SILVEIRA



Universidade dos Açores
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Francês
Espanhol
Italiano
Inglês

LÍNGUAS EM FESTA

Alunos festejam
Música
Poemas
Sketches
Videos

Mesa Redonda
As línguas no mercado de trabalho
5 de Abril
Anfiteatro VII

Aula Livre
Inglês | Francês
Espanhol | Italiano
Mandarim
3-6 de Abril
Edifício das Ciências Humanas

Para mais informações, contactar o secretariado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: 296 650 612 /168/127